

POR UM SUS FORTE E INTEGRATIVO

Maior evento brasileiro para troca de experiências e conhecimento científico em práticas integrativas e complementares em saúde, o II CongrePICS reafirma a importância de um sistema universal e público para assegurar um cuidado centrado nas pessoas. - página 9



Foto: Gustavo Pozzobon/RedePICSBrasil.



Foto: Gustavo Pozzobon/RedePICSBrasil.



Foto: ObservaPICS.

CIÊNCIA - página 3

Terapias aplicadas a condições crônicas são alvo de pesquisas

EXPERIÊNCIA - página 6

Municípios finalistas do Prêmio APS Forte investem em PICS

REFLEXÃO - página 11

Formação em práticas integrativas deve ter qualidade

PARCERIAS - página 12

Um ano de observatório e novas cooperações

DA UBS AO SABER CIENTÍFICO

O Boletim Evidências chega ao seu terceiro número testemunhando a importância do SUS e o desafio de expandir, com qualidade, as práticas integrativas na rede pública de saúde. A última edição de 2019 traz experiências municipais e estaduais reconhecidas no Sul, Sudeste e Centro Oeste, além do sucesso do II CongrePICS, que reuniu por quatro dias profissionais, gestores, usuários e pesquisadores do Brasil inteiro no interior de Sergipe. Destaca ainda novos resultados do mapeamento dos grupos de pesquisa no diretório do CNPq, apontando que dos 494 selecionados na primeira fase, 174 realizam estudos sobre práticas integrativas e complementares em saúde e, desses, 84 possuem projetos no SUS. Dos projetos que focalizam o Sistema Único de Saúde, 27,2% estudam a aplicação das PICS em pessoas com doenças crônicas ou sofrimento mental. Conheça os detalhes dessas notícias e o balanço do primeiro ano de atividades do observatório. Leia, comente e compartilhe para fortalecer nossa produção em 2020!

ÍNDICE

- 3 Ciência** – Pesquisas têm foco em condições crônicas.
- 6 Experiência** – Três finalistas do Prêmio APS Forte ofertam PICS.
- 9 II CongrePICS** – O sucesso e as discussões do maior congresso.
- 11 Reflexão** – Formação em práticas integrativas precisa de qualidade.
- 12 Parcerias** – Observatório avança com cooperações no país.

A VOZ DE QUEM USA

Vamos inaugurar em 2020 uma seção destinada aos usuários das práticas integrativas e complementares em saúde. Queremos conhecer a opinião de quem usa as PICS e participa do controle social, para saber como a implantação vem acontecendo em cada município ou Estado, como se dá o acesso aos serviços e que avaliação a comunidade faz do atendimento. Mande a sua mensagem para divulga.observapics@gmail.com.

PAINEL DO LEITOR

Reiki

“Sou reikiana e fiquei muito feliz em saber que existe mais esse projeto validando a eficiência e eficácia das terapias integrativas. Estou morando em São Paulo, não sei se vocês teriam uma perna desse projeto aqui para que eu possa contribuir”, Camila Alcântara (SP).

Ozonioterapia

“Primeiramente gostaria de parabenizar pela maravilhosa iniciativa. Sou formado em nutrição e em enfermagem, com mestrado pela Universidade Católica de Brasília. Trabalho com práticas integrativas, dentre elas com a ozonioterapia (...). Tenho total interesse em trabalhar pesquisas em nível de doutorado”, Edis Rodrigues Jr (DF).

Resposta: O ObservaPICS está divulgando em seu site abrangente base de dados acerca dos grupos de pesquisa em PICS com atividade no Brasil. Formas de inserção, para fortalecimento de estudos e pesquisas na área, podem ser esclarecidas a partir do contato direto com os pesquisadores. Acessem <http://observapics.fiocruz.br/biblioteca/#bases>.

EXPEDIENTE

Evidências é o boletim quadrimestral do Observatório Nacional de Saberes e Práticas Tradicionais, Integrativas e Complementares em Saúde, com sede na Fiocruz Pernambuco*. A publicação é digital e pode ser acessada gratuitamente pelo site <http://observapics.fiocruz.br/boletim/>. É permitida a reprodução das informações aqui divulgadas, desde que citada a fonte.

Equipe Responsável

Islândia Carvalho (Coordenação geral), **Maria Eduarda Guerra** (assistente da coordenação), **Veronica Almeida** e **Fabiola Tavares** (redação e edição), **Bruno Leite** (diagramação).

Conselho Editorial

Pesquisadores **Adriana Falangola** (UFPE), **Bernardo Coutinho** (UFC), **Charles Tesser** (UFSC), **Danilo Guimarães** (USP), **Gelza Nunes** (SES-MG), **Islândia Carvalho** (Fiocruz-PE), **Joseane Costa** (Unifesspa), **Madel Therezinha Luz** (UERJ), **Maria Eduarda Guerra** (Fiocruz-PE), **Mariene Nascimento** (UFF e Abrasco), **Nelson Filice** (Unicamp), **Paulo Bastta** (ENSP/Fiocruz), **Ricardo Ghelman** (Consórcio Acadêmico Brasileiro de Saúde Integrativa).

*Fiocruz-PE, 4º andar, Sala 8, Campus da UFPE, Cidade Universitária, Recife-PE. Contato preferencialmente pelos e-mails observapics@gmail.com e divulga.observapics@gmail.com (este último para assuntos do site e do boletim).

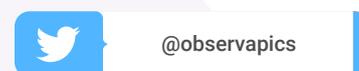
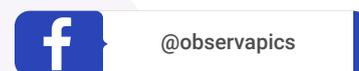




Foto: Bruno Leite/ObservaPICS.

PESQUISAS ESTUDAM PICS NAS CONDIÇÕES CRÔNICAS DE SAÚDE

Condições crônicas de saúde são as mais estudadas por grupos de pesquisa do diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que se dedicam às práticas tradicionais, integrativas e complementares. Essa é uma das novas constatações do mapeamento iniciado pelo ObservaPICS, que vem criando um banco de dados sobre os pesquisadores com produção na área. Na primeira fase do estudo, divulgado no Boletim Evidências Nº 2, foram identificados 494 grupos que utilizavam descritores afins das PICS. Desses, 174 confirmaram projetos voltados às práticas, sendo 84 com enfoque no Sistema Único de Saúde (SUS).

Dos 84 grupos que desenvolvem pesquisas no âmbito do SUS, 27,2% estão interessados em condições crônicas. Entre os demais 90 que também estudam PICS, mas sem foco específico no sistema único, a temática é indicada por 28% (quadro na página 4).

“A referência às condições crônicas considera o conceito de condições de saúde proposto pelo consultor em saúde pública Eugênio Vilaça Mendes, um dos mais citados no Brasil. Ultrapassa a tipologia de doenças em transmissíveis ou crônicas não-transmissíveis, pois inclui, além das enfermidades classificadas frequentemente como crônicas, como diabetes e hipertensão, outras condições que não são doenças e também exigem respostas sociais adequadas dos sistemas de atenção à saúde, a exemplo de deficiências físicas, pobreza, violência, problemas ligados à maternidade, distúrbios mentais, emocionais e mesmo enfermidades infecciosas que cronificam, como Aids, tuberculose e hanseníase”,

explica a pesquisadora Islândia Carvalho, coordenadora do ObservaPICS e da pesquisa no diretório do CNPq. Essas condições crônicas norteiam inclusive, na América Latina, diretrizes das Redes de Atenção Primária em Saúde.

Depois das condições crônicas, múltiplos temas são os mais citados pelos grupos, seguidos por câncer, doenças em populações vulneráveis (moradores de rua e encarcerados, por exemplo), infecciosas e o sofrimento mental. Os variados temas podem ser conhecidos no relatório atualizado da segunda fase da pesquisa. Para saber mais sobre condições crônicas acesse <http://bit.ly/obspicsE3>.



continua na próxima página 

▼ continuação

PRÁTICAS COM RECURSOS NATURAIS INTERESSAM MAIS

Os 174 grupos identificados no diretório do CNPq com linhas de pesquisa em PICS estudam principalmente as práticas com recursos naturais. Entre elas, o uso de plantas medicinais e da fitoterapia – que aparecia em destaque na primeira fase em que foram selecionados 494 grupos a partir dos descritores de pesquisa – acompanha os de apiterapia (utilização terapêutica do mel, pólen e própolis), aromaterapia (dos óleos essenciais), geoterapia (da argila, pedras, cristais), termalismo social/crenoterapia (da água mineral).

A segunda etapa do mapeamento feito pelo ObservaPICS apurou que 51% dos que desenvolvem pesquisa com enfoque no SUS dedicam-se ao estudo das PICS com recursos naturais. A proporção sobe para 57% entre aqueles que não têm foco na saúde pública.

O segundo conjunto de práticas mais pesquisadas pelos grupos é o que reúne as contemplativas e vibratórias, no qual estão a meditação, imposição de mãos, bioenergética, reiki, terapia de florais e a cromoterapia.

Os sistemas complexos em saúde, que abrangem ayurvédica, antroposofia, homeopatia e a medicina tradicional chinesa ocupam o terceiro lugar, seguidos pelas práticas corporais (yoga, biodança e dança circular) e pelas práticas coletivas (constelação familiar, hipnoterapia e a terapia comunitária integrativa).

Musicoterapia, arteterapia, terapias manuais e manipulativas (shantala, quiropraxia, osteopatia, reflexoterapia), ozonioterapia e naturopatia também são assinaladas.

Para saber mais sobre essas práticas acesse, a partir do site do ObservaPICS, o glossário da Coordenação Nacional de PICS do Ministério da Saúde ou a Biblioteca Virtual em Saúde sobre Medicinas Tradicionais, Complementares e Integrativas (BVS/MTCI) pelo link <http://mtci.bvsalud.org/pt/>.



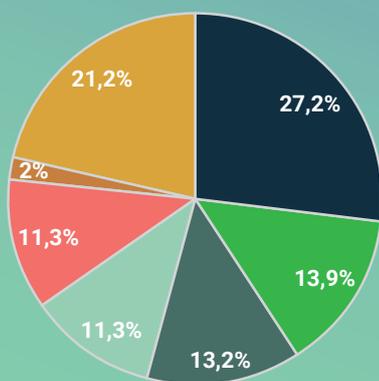
Foto: ObservaPICS.

POR REGIÕES

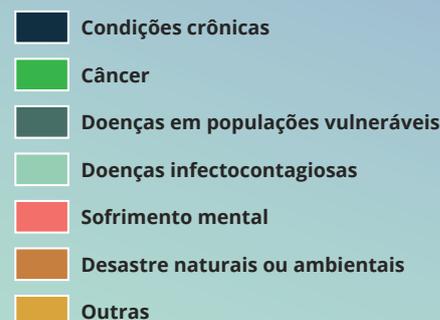
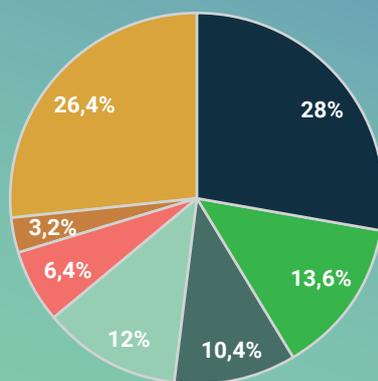
As práticas com recursos naturais aparecem como as PICS mais pesquisadas em todas as regiões, principalmente no Norte e no Sudeste, representando 75% e 56%, respectivamente, entre os grupos com projetos no âmbito do SUS. No Centro-Oeste e no Nordeste elas são citadas por mais de 40% dos grupos de pesquisadores ouvidos e, no Sul por 50%.

Condições de saúde estudadas

Grupos com pesquisa no âmbito do SUS



Grupos sem pesquisa no âmbito do SUS



Fonte: Mapeamento ObservaPICS, 2019.

continua na próxima página ▶

▼ continuação

DADOS ABERTOS SOBRE MAPEAMENTO DE GRUPOS

Alinhado ao movimento da Ciência Aberta da Fundação Oswaldo Cruz, o ObservaPICS disponibiliza para o público em geral todos os resultados do mapeamento sobre grupos de pesquisa em práticas integrativas e complementares em saúde. Dessa forma, qualquer cidadão, profissional de saúde, usuário, gestor do SUS, estudante e pesquisador com interesse nas PICS poderá conhecer com detalhes as informações coletadas, organizadas e analisadas pela equipe técnica do observatório. Com isso, fica aberto o caminho a novos estudos, além dos que estão em curso pelo ObservaPICS.

Sobre o mapeamento, especificamente, o leitor terá como opção acessar o diretório do CNPq a partir do site, ou poderá conhecer a metodologia e os procedimentos adotados a partir da pesquisa no banco da agência de fomento e da escuta realizada aos grupos de pesquisa. Assim, poderá conhecer as planilhas de dados, quadros, tabelas e relatórios analíticos produzidos.

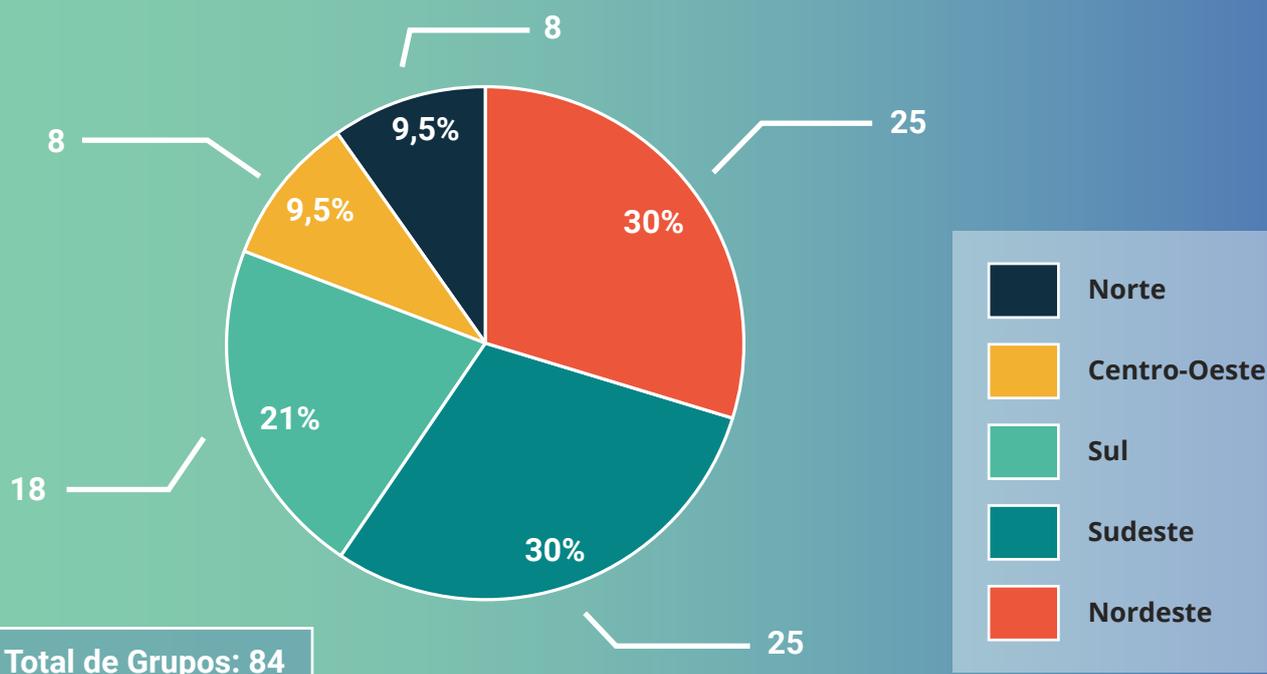
Os principais dados apurados estão distribuídos por estados e regiões, possibilitando um desenho dos grupos e de suas linhas de pesquisa por território. É possível, também, identificar os temas dos projetos relacionados às PICS, os campos da ciência aos quais os pesquisadores estão atrelados, verificar a maturidade e continuidade das equipes, ou seja, o tempo dedicado à temática.

A análise temporal mostra que a partir de 2000 ocorreu aumento significativo dos grupos de pesquisa que estudam as práticas, quantitativo ampliado sobretudo em dois períodos mais recentes, entre 2010 e 2014 e de 2015 a 2018.

Será possível conhecer, ainda, quais grupos estão voltados à pesquisa básica ou à aplicada e quem desenvolve estudos sociais. A transversalidade em torno da produção científica em PICS, que atraem tanto pesquisadores das ciências da saúde e biológicas, como das agrárias, da natureza e das letras e artes, torna a área potente para enfrentar desafios. Outro assunto apurado são as plataformas de comunicação e divulgação mais utilizadas pelos pesquisadores, predominando as revistas científicas, a grande mídia e as redes sociais.



Grupos com projetos de pesquisa em PICS no âmbito do SUS, por região



Fonte: Mapeamento ObservaPICS, 2019.



FINALISTAS DA APS FORTE APOSTAM EM PRÁTICAS INTEGRATIVAS DE SAÚDE

Três dos onze finalistas do Prêmio APS Forte para o SUS: Acesso Universal, promovido este ano pela Organização Pan-Americana de Saúde (Opas) e Ministério da Saúde, incluem as práticas integrativas e complementares em saúde (PICS) como atividades de assistência aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) ou tema de formação para seus profissionais. Juntas, essas experiências representam 27% dos trabalhos que chegaram a fase final da premiação.

O objetivo do APS Forte é identificar, dar visibilidade, reconhecer e promover iniciativas municipais, estaduais ou regionais que buscam a melhoria da atenção primária à saúde. Foram 1.294 inscrições provenientes de todos os estados do país e do Distrito Federal. Saiba mais sobre essas experiências exitosas com PICS nos textos a seguir. Leia, ainda, sobre os 30 anos de PICS no Distrito Federal e em Vitória (ES). Ambas as cidades instituíram as PICS em seus serviços de saúde um ano após a criação do SUS em 1988.

MUNICÍPIO PEQUENO COM PICS EM HORÁRIO ESTENDIDO

Das três estratégias finalistas do APS Forte que trabalham com PICS, o Programa Corujão da Saúde, de Doresópolis (MG) – cidade de 1.527 habitantes – é o que trabalha com o maior número dessas práticas. Reiki, auriculoterapia, yoga (foto), shantala,

ventosaterapia, imposição de mãos e quiropraxia são oferecidas aos usuários do SUS na atenção primária. Todas as terças e quintas-feiras, a única unidade básica de saúde (UBS) do município funciona em horário estendido, das 7h às 21h. O programa foi criado para atender moradores que não conseguiam acessar a UBS no horário comercial, por morar na área rural (110 famílias) ou por trabalhar em outra cidade.

Na terça à noite o atendimento é direcionado aos portadores de condições crônicas com doenças associadas (comorbidades) e acontecem individualmente ou em grupos. No início do programa, em 2017, apenas a auriculoterapia era acessível aos usuários. “A aceitação foi maior entre os idosos e foram eles que ajudaram a difundir na cidade os benefícios das PICS”, conta o assessor de gestão de saúde do município, Igor Carmargos. E foi entre esse mesmo público, a maioria com muitas queixas de saúde, que se percebeu a diminuição da procura rotineira pela unidade de saúde.

Em Doresópolis, crianças e adolescentes também têm interesse pelas PICS. Nas tardes das terças, em média 60 a 80 delas, com idade entre seis e 14 anos, participam das atividades. “A preferência é pela yoga e pelo reiki. Eles são atendidos por faixa etária e fazem atividade com a nutricionista, ajudando a preparar o lanche que é servido”, conta a secretária de saúde, Rosângela Guerra. Ela planeja continuar qualificando sua equipe para atendimento com as PICS. Hoje, oito profissionais atuam com as práticas, que também acontece de segunda a sexta-feira, no horário de funcionamento normal da UBS.

continua na próxima página ▶

▼ continuação

AURICULOTERAPIA E MUSICOTERAPIA NA REABILITAÇÃO DO USUÁRIO



Foto: Secretaria de Saúde de Senador Canedo.

Senador Canedo, cidade na Região Metropolitana de Goiânia (GO), instituiu a auriculoterapia (foto) e a musicoterapia como processos de reabilitação para pessoas com condições crônicas neurológicas, ortopédicas e cardiovasculares, entre outras, que chegam na atenção primária à saúde (APS). Desde janeiro deste ano, essas duas práticas integrativas e complementares em saúde foram incorporadas ao projeto que classifica por risco os usuários que necessitam de reabilitação. Eles são classificados segundo os estágios da condições clínica, como agudo, crônico e crônico agudizado. Os casos urgentes seguem para reabilitação na atenção especializada e os demais são encaminhados para os serviços da APS.

O atendimento de auriculoterapia acontece na Academia da Saúde e na unidade básica de saúde (UBS) Jardim Liberdade, com a média de 60 pessoas atendidas, por mês, em cada espaço. Na UBS, elas são usuárias dos programas de tabagismo e Hipertensão (hipertensos e diabéticos), encaminhadas por profissionais de saúde. A adesão a essa prática também se dá de forma espontânea. Seis auriculoterapeutas prestam atendimento no mutirão Cidadania nos Bairros, promovido pela prefeitura, todas as sextas-feiras, em um bairro diferente. De acordo com o coordenador de APS do município, Paulo Henrique Costa, a procura por essa PICS vem crescendo nos mutirões. “Em agosto atendemos 38 pacientes em cada sexta-feira. Desde outubro essa média está em 110 a 120 pessoas”, afirma Costa. As ações da musicoterapia ocorrem antes das atividades físicas na Academia da Saúde e nas UBS da região central do município. Nestes serviços, o musicoterapeuta promove momentos de terapia em grupo, como no caso das gestantes, que participam de atividades enquanto aguardam a consulta pré-natal.

RESIDÊNCIA MÉDICA EM SANTA CATARINA INCLUI ACUPUNTURA

Investimento na formação de médicos para atuar na atenção primária e fixá-los em cidades interioranas, de maneira a ampliar o acesso e a qualidade dos serviços da rede de saúde, a Gestão Descentralizada do Programa de Residência em Medicina de Família e Comunidade da Secretaria de Saúde de Santa Catarina forma profissionais por meio de atividades teóricas e práticas, entre elas as práticas integrativas e complementares em saúde (PICS). A auriculoterapia e a acupuntura são eixos principais de formação, tendo ainda, em forma de vivências, aulas de mindfulness, biodança, antroposofia aplicada à saúde, constelação familiar, arteterapia, reiki e fitoterapia.

Trinta e um residentes foram formados em auriculoterapia e acupuntura. O estágio em acupuntura tem 32 horas teóricas e 80 horas de prática no Hospital Universitário da universidade federal do estado. O curso de auriculoterapia é constituído por duas etapas sequenciais: uma a distância (75 horas) e outra presencial (cinco horas). “Eles avaliam o estágio positivamente e consideram que têm benefícios excelentes na sua prática diária. Inclusive muitos escolhem fazer o estágio optativo por mais um mês na acupuntura”, avalia Evelyn Sonobe, da Coordenação do Programa de Residência Médica em Medicina de Família e Comunidade. De acordo com ela, após a formação “muitos residentes” implementam as PICS nos seus locais de atuação, fomentando e despertando essas práticas em outros profissionais e beneficiando os pacientes. A gestão descentralizada do programa de residência tem a adesão de 35 municípios do interior, compondo a Rede de Integração de Ensino e Serviço.

Saiba mais em: <https://bit.ly/2rJLioD>

continua na próxima página ▶

▼ continuação

VITÓRIA E DF COMEMORAM 30 ANOS DE PICS

O Distrito Federal (DF) e a cidade de Vitória (ES) comemoraram em novembro 30 anos de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) em seus territórios. A capital do Espírito Santo já atendeu mais de 56 mil pessoas com as práticas, nesse tempo, e é o único município do estado com programa e política de PICS institucionalizadas. No DF, hoje, 17 práticas integrativas estão presentes em 118 UBS, das 172 existentes, o que representa uma cobertura de 69%.

Em Vitória, doze práticas são oferecidas pelo SUS: acupuntura, fitoterapia, homeopatia, auriculoterapia, alimentação orgânica e natural (hortaterapia), yoga, práticas corporais da Medicina Tradicional Chinesa: Do-in e xiang gong, dança circular, meditação, reiki, terapia comunitária. O trabalho com as PICS envolve 213 profissionais e a maioria delas (150) atua com fitoterapia.

Atualmente, todas as 29 unidades de saúde do município oferecem homeopatia, acupuntura e fitoterapia, com prescrição de medicamentos de suas farmácias. O programa de fitoterapia é referência nacional. Após a inauguração da horta medicinal, no final da década de 1980, teve início a produção de mudas para distribuir e incentivar o cultivo, o conhecimento sobre uso e o preparo correto dos chás e xaropes. Hoje há hortaterapia em 45% das UBS.

No DF (foto), as práticas integrativas passaram de 14 para 17, este ano, com as

ofertas de ayurveda, laya yoga e técnica de redução de estresse. As demais disponibilizadas são: acupuntura, antroposofia, arteterapia, automassagem, fitoterapia e plantas medicinais, hatha yoga, homeopatia, lian gong, meditação, musicoterapia, reiki, shantala, tai chi chuan e terapia comunitária integrativa. As PICS foram introduzidas, formalmente, no Distrito Federal, em 1989, com a criação do Programa de Desenvolvimento das Terapias Não-Convencionais, institucionalizando, no SUS local, esses atendimentos. Em 2014 foi instituída a Política Distrital de Práticas Integrativas em Saúde (PDPIIS), que regulamenta as práticas.

Em 2018, as Secretarias de Saúde e Educação do DF lançaram, em parceria, o projeto “Práticas Integrativas na Escola”, que utilizam as PICS como recursos de prevenção, promoção da saúde e intervenção em situações de crise viven-

ciadas no cotidiano escolar, com o olhar para a promoção de vínculos sociais e afetivos, considerados imprescindíveis para a construção de aprendizagens significativas. Em 2020 o objetivo é beneficiar dez escolas. Para o Coordenador Nacional das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde do Ministério da Saúde, Daniel Amado, “a experiência do DF ajudou a impulsionar a ampliação da política nacional de PICS em 2017 e 2018”. Em 2017 a oferta de PICS, no SUS, passou de cinco para 19 e no ano seguinte para 29.

Para saber quais práticas são oferecidas em cada centro de saúde pública de Vitória acesse https://www.vitoria.es.gov.br/cidadao/saude-do-adulto#a_pics. Mais informações sobre as PICS no DF em <http://www.saude.df.gov.br/praticas-integrativas-de-saude/>.



Foto: Divulgação/Secretaria de Saúde do DF.

ENCONTROS NACIONAL E NORDESTINO, EM SERGIPE, COM AMPLA PARTICIPAÇÃO



Foto: Gustavo Pozzobon/Rede PICS Brasil.

Durante quatro dias o campus Lagarto da Universidade Federal de Sergipe (UFS) se transformou numa grande escola de saberes tradicionais, práticas integrativas e complementares em saúde. Mais de duas mil pessoas se reuniram no II Congresso Nacional e no IV Encontro Nordestino de PICS para debater evidências científicas e práticas da fitoterapia, medicina chinesa, antroposofia, homeopatia e muitas outras que há mais de 30 anos são realidade no Brasil e desde 2006 começaram a ser oficializadas no Sistema Único de Saúde. Gestores, pesquisadores, profissionais, professores e estudantes universitários, terapeutas e usuários trocaram ideias, discutiram e chegaram à conclusão de que as

PICS avançam e precisam de um SUS cada vez mais forte.

Um manifesto em defesa do SUS e outro documento que recomenda formação de qualidade em PICS foram emitidos durante o congresso pela Rede de Atores Sociais em PICS (RedePICS Brasil) e demais entidades promotoras dos encontros. De acordo com a comissão organizadora, mais de 600 trabalhos estavam à mostra nos eventos, que tiveram ainda minicursos, conferências, debates, oficinas e muitas práticas, num encontro entre saberes tradicionais, científicos e populares.

“Foi riquíssimo em troca de experiências, tivemos convidados e congressistas de todos os estados brasileiros e de outros países, como Angola, Argen-

tina e Chile”, explica a professora Rosiane Pacheco, professora do Departamento de Educação em Saúde da UFS, uma das organizadoras, e, junto com a professora Simone Leite, anfitriã do II CongrePICS. Todas as inscrições no congresso foram gratuitas e a estrutura utilizada, assim como parte das hospedagens, tornaram-se possíveis por ações solidárias. A UFS Lagarto, fundada em 2010, tem se tornado referência em PICS pela inclusão da temática nos seus cursos de saúde. Quem pretende participar dos próximos congressos, pode ir se organizando. O III CongrePICS será em São Paulo (SP), em 2021, e o V Encontro Nordeste, no próximo ano, em Fortaleza.

continua na próxima página ▶

▼ continuação



Foto: ObservaPICS.

SABER INDÍGENA

Sem terra não há conexão com a natureza, ensinou José Bonifácio Baniwa (foto à esquerda), liderança de um dos 23 povos que vivem no Alto Rio Negro, no Amazonas. Ele fez a conferência principal do último dia do II CongrePICS e enfatizou a importância da preservação do meio ambiente e das áreas indígenas. “A medicina indígena não é complementar, ela é a principal, o SUS precisa respeitar nossa cultura”, completou. Iolanda Pereira (foto à direita), da etnia Macuxi, de Roraima, também lembrou que a saúde dos povos indígenas depende da preservação da “Mãe Natureza” e do respeito à cultura e tradições de cura.



Foto: ObservaPICS.

O OLHAR CIENTÍFICO

Os cuidados das PICS ocorrem de forma integrada com os cuidados convencionais? O que mudou nos processos de trabalho nos locais onde as práticas foram introduzidas? Essas e outras questões foram lançadas pelo professor Charles Tesser, da Universidade Federal de Santa Catarina, na mesa-redonda “Pesquisa Social e institucional sobre PICS”. Ele defendeu a realização de estudos que situem melhor a inserção das práticas integrativas no SUS, antecipando questões a serem avaliadas.

MAPA DE EVIDÊNCIAS

Em fevereiro de 2020 deverão estar prontos os primeiros Mapas de Evidências em PICS, inicialmente abrangendo fitoterapia, yoga, meditação, medicina tradicional chinesa (acupuntura, auriculoterapia, práticas corporais), reflexologia, ozonioterapia bucal e shantala. A gerente de fontes de informação do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme/BVS MTCI), Verônica Abdala, informou que a construção dos mapas é uma ação conjunta com o Consórcio Acadêmico Brasileiro de Saúde Integrativa. O trabalho vai definir prioridades de pesquisa e facilitar o uso das informações por gestores e profissionais do SUS.



Foto: Gustavo Pozzobon/Rede PICS Brasil.

O FOCO NA PESSOA

Conferencista na abertura do II CongrePICS, a professora aposentada das Universidades Federal e Estadual do Rio de Janeiro Madel Luz (foto acima) afirmou que as PICS estabelecem uma relação na qual não há hierarquia nem superioridade, onde é possível enxergar a importância do outro. Madel falou sobre solidariedade, democracia, saúde e das contribuições das PICS nesse cenário.

REGULANDO PRÁTICAS

O coordenador nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, Daniel Amado, debateu com o público sobre regulação das PICS. Lembrou que o exercício é livre, conforme a Constituição Federal, desde que se cumpra a lei, cabendo aos conselhos profissionais regulamentar o que as categorias devem ou não fazer. Quanto à formação, explicou que cabe ao Ministério da Educação definir as diretrizes dos cursos.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM PICS PRECISA DE CRITÉRIOS CLAROS NO BRASIL

Marilene do Nascimento*

A ampliação e qualificação da formação profissional em PICS são desafios para fortalecer a presença dessas modalidades de cuidado no Sistema Único de Saúde (SUS) com qualidade, segurança e efetividade.

Tem-se observado uma expansão na oferta de cursos livres e de pós-graduação, alguns por instituições tradicionais vinculadas ou não a associações profissionais, outros, porém sem suficiente expertise e qualidade. Nas graduações em saúde a ampliação se dá, sobretudo por disciplinas eletivas e informativas pouco integradas ao currículo principal. O Ministério e algumas Secretarias de Saúde têm ofertado cursos de educação permanente, mas essas iniciativas, embora plausíveis, estão longe de responder ao desafio, considerando-se a dimensão do SUS^{1,2}.

“Um conjunto de instituições está recomendando a criação de um grupo de trabalho com profissionais dos Ministérios da Educação e da Saúde, praticantes de diferentes PICS e representantes de instituições formadoras de profissionais de saúde para um processo democrático e participativo de construção de critérios mínimos para a formação nessa área”

Cuba e os Estados Unidos são exemplos bem sucedidos em políticas



Foto: Gustavo Pozzobon/Rede PICS Brasil.

indutivas para ampliar a formação profissional em PICS. Nos EUA, entre outras iniciativas, houve a oferta de 20 bolsas competitivas de cinco anos para instituições de ensino incluírem as medicinas complementares e alternativas nos currículos de saúde. As instituições contempladas formularam em conjunto as competências principais a serem desenvolvidas^{3,4}.

No Brasil há uma presença limitada do Estado na indução ao ensino de PICS para prover o SUS de profissionais habilitados no cuidado integrativo. Diante disso, um conjunto de instituições está recomendando a criação de um grupo de trabalho com profissionais dos Ministérios da Educação e da Saúde, praticantes de diferentes PICS e representantes de instituições formadoras de profissionais de saúde, para um “processo democrático e participativo de construção de critérios mínimos para a formação nessa área, iniciando pelas PICS mais presentes no SUS”. Entre os critérios, destaca-se o estágio curricular presencial com supervisão de profissional habilitado⁵.

Ações indutivas do Estado, a partir de critérios claros que considerem a grande diversidade de práticas em complexidade, recursos e necessidades específicas, podem contribuir para a formação profissional em PICS e um cuidado em saúde com mais qualidade e segurança.

* Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal Fluminense; GT Abrasco de Racionalidades Médicas e Práticas Integrativas e Complementares.

¹. NASCIMENTO, Marilene Cabral et al. Formação em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde: desafios para as universidades públicas. *Trab. educ. saúde*, 2018, 16(2):751-772.

². TESSER, Charles Dalcanale et. al. Práticas Integrativas e Complementares na Atenção Primária à Saúde brasileira. *Saúde debate*, 2018, 42(spe1): 174-188.

³. APPELBAUM, Diane et. al. Natural and Traditional Medicine in Cuba: Lessons For U.S. Medical Education. *MEDICC Rev*, 2008, 10(1):43-8.

⁴. KREITZER, Mary Jo et al. CAM Competencies for the Health Professions. *Complementary Health Practice Review*, 2008, 13(1):63-72.

⁵. OBSERVAPICS et al. *Formação Profissional em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde com qualidade*. Nota Técnica. 2019.

Leia mais em <http://observapics.fiocruz.br/ji-congrecpics-exige-formacao-com-qualidade/>.

COOPERAÇÕES E RECONHECIMENTO NO PRIMEIRO ANO

O Observatório Nacional de Saberes e Práticas Tradicionais, Integrativas e Complementares em Saúde (ObservaPICS) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) prepara-se para 2020, avançando com novos estudos e cooperações para dar visibilidade a informações, produzir e compartilhar conhecimento em defesa de uma saúde pública integral e segura. No primeiro ano de atividade recebeu reconhecimento da Organização Mundial de Saúde (OMS) e firmou seis parcerias para atuação conjunta com pesquisadores, diferentes atores das PICS e plataformas de registro de experiências na saúde pública e repositório de publicações técnicas e científicas.

Duas ações colaborativas estão sendo pactuadas com a Secretaria de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul, onde a oferta de PICS vem sendo ampliada, e com a Prefeitura de Alto Paraíso de Goiás (GO), que iniciou a implantação das práticas na atenção primária. O ObservaPICS vai ajudar no planejamento de capacitação dos profissionais de saúde das duas redes, articulando apoio de outras instituições de ensino e do SUS para formação, troca de experiências e estudo dos impactos na saúde da população.

Nova etapa do mapeamento dos grupos de pesquisa no diretório do CNPq está sendo concluída para fortalecer o banco de dados aberto à so-

cidade, em cumprimento à política institucional da Fiocruz. Dados suplementares apontarão com maior precisão quais grupos trabalham com PICS no SUS com diferentes perspectivas.

Em um ano de atividades, o observatório realizou oficinas, participou de congressos e de eventos técnicos, além de ter ampliado a produção de conteúdo para diferentes mídias. Para 2020 estão sendo construídas parcerias nacionais e internacionais na perspectiva de produzir estudos que identifiquem a segurança, a qualidade e a efetividade da oferta de PICS no SUS. Aguardem as novidades!



INDICAÇÃO DE LEITURA

HOMEOPATIA PARA O TRATAMENTO DO BRUXISMO

<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-30831467>

“Este estudo clínico, desenvolvido por nós e equipe, foi publicado na Revista Phytomedicine (International Journal of Phytotherapy and Phytopharmacology), nº 58 (2019), sob o título *Homeopathic medicine of Melissa officinalis combined or not with Phytolacca decandra in the treatment of possible sleep bruxism in children: A crossover randomized triple- blinded controlled clinical trial*. Trabalhamos com a *Melissa officinalis* 12 CH combinada ou não com a *Phytolacca decandra* 12 CH como uma possibilidade de tratamento do possível bruxismo do sono em crianças. A metodologia utilizada foi

randomizada, triplo cega, cruzada, realizada em 52 pacientes na faixa etária de 3 a 12 anos, selecionados por livre demanda na Clínica de Odontopediatria da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A queixa dos responsáveis pelas crianças de que elas rangiam os dentes ao estarem dormindo foi o critério de seleção utilizado. Cada tratamento teve a duração de 30 dias com intervalo de 15 dias de *wash-out*. As crianças foram expostas a quatro fases de tratamento: placebo, *Melissa officinalis* 12 CH, *Phytolacca decandra* 12 CH e o composto de *Melissa officinalis* e *Phytolacca decandra*, ambas com potência 12 CH. Ao final de seis meses de tratamento verificamos que tanto a *Melissa officinalis* como o composto de *Melissa officinalis* e *Phytolacca decandra* tiveram significância de resultados, mostrando que os tratamentos homeopáticos melhoraram o bruxismo ou a disfunção mastigatória das crianças. Os resultados do estudo clínico nos incentivam a continuar ampliando as pesquisas neste campo, uma vez

que para a odontologia o bruxismo do sono não tem cura nem tratamento, principalmente porque há uma origem neurológica combinada. Sendo assim, o uso da homeopatia trouxe a essas crianças melhoria da qualidade de vida, a possibilidade de que seus dentes não fossem desgastados e, principalmente, o estudo demonstrou que nenhum paciente apresentou efeitos colaterais após seis meses de uso das medicações homeopáticas. A homeopatia deve ser reforçada sempre, como uma possibilidade de medicina integrativa e complementar para se atingir a melhor qualidade de vida tanto em crianças quanto em adultos.”

Claudia Tavares-Silva, cirurgiã-dentista e homeopata, odontóloga do Departamento de Odontopediatria e Ortodontia da Faculdade de Odontologia da UFRJ.

Carla Holandino Quesma, professora titular da Faculdade de Farmácia da Faculdade de Farmácia da UFRJ e coordenadora geral do Comitê de Produtos Naturais do Consórcio Acadêmico Brasileiro de Saúde Integrativa.

